

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL E LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL



Rejeições de Lula e Flávio definirão eleição

Caso Master consolida a eleição do “não”

Os analistas de pesquisa gostam de usar um número mágico para avaliar as possibilidades de reeleição dos “incumbentes”, como chamam aqueles que disputam o cargo no mandato. O número mágico é 47%. Nessa avaliação, candidatos que têm uma aprovação abaixo de 47% teriam probabilidade muito baixa de reeleição. Por esse raciocínio, essa parece ser a situação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo a Genial/Quaest divulgada no dia 2, ele tem 45% de aprovação. O CEO e fundador do Instituto Indexa, Arilton Freres, tem cautela quanto a essa conclusão automática. “O Brasil tem circunstâncias muito próprias que precisam ser levadas em consideração antes de se adotar um padrão automático de experiências no exterior”, disse ele ao Correio Político. Para ele, a polarização política tornou a disputa eleitoral brasileira uma competição de rejeições.

Vale a máxima de Tom Jobim

Assim, por aqui sempre vale a máxima do genial maestro Tom Jobim: “O Brasil não é para amadores”. A construção da análise que torna os 47% de aprovação um número mágico desconsidera uma série de outros fatores na acirrada disputa brasileira, que coloca de um lado um entusiasmo do time de lulistas, do outro um igualmente fanático time de bolsonaristas, e, no meio, um grupo que gostaria de ter alternativas mas não as encontra. É preciso lembrar: se a rejeição de Lula é alta, a de Flávio Bolsonaro também é.

REPRODUÇÃO/VIDEO



Augusto Cury parou de subir nos últimos dias

Rejeição de Flávio é maior que de Lula

De acordo com a mesma pesquisa Genial/Quaest, a rejeição a Flávio Bolsonaro (PL), o principal adversário do presidente, é maior que a de Lula. Flávio tem rejeição de 55%, Lula de 53%. “No final, isso é o que parece que decidirá as eleições deste ano”, considera Arilton Freires. “De que a sociedade tem mais medo? Da continuação do lulismo ou da volta do bolsonarismo?”. As pesquisas ainda não mediram os impactos das últimas notícias sobre o caso Master. Essa repercussão poderá definir para onde pende a balança.

STF e Moraes

No momento, as acusações contra o ministro Alexandre de Moraes e sua briga contra André Mendonça desgastam o Supremo Tribunal Federal (STF). Arilton observa que seria baixa a chance de Lula evitar que a crise que desgasta Moraes não o atinja. “Boa parte da sociedade considera que Moraes age no STF alinhado com o governo”, diz ele. Uma evolução incrível na trajetória de Moraes.

Lulinha

Moraes foi escolhido para o STF por Michel Temer, alguém que o PT considera ter dado um golpe em Dilma Rousseff. Por outro lado, o caso afastou do noticiário as acusações de envolvimento de Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, no escândalo do INSS. “Em certa medida, isso também beneficia Lula”, considera. Teria maior potencial de desgaste.

Dark Horse

A semana terminou com a possibilidade de surgimento de novas informações sobre o caso Dark Horse. O empresário Antonio Carlos Freixo Júnior, o Mineiro, mediador dos repasses de Daniel Vercaro, do Master, para o filme Dark Horse, negocia uma delação premiada, que foi encaminhada ao STF pela Procuradoria-Geral da República.

Precificado

Para Arilton Freres, a volta da aproximação de Flávio com relação a Lula, com situações de empate no segundo turno, mostraria que, no momento, o caso Dark Horse parou de desgastá-lo. Embora ainda faltem as devidas explicações sobre os repasses, o eleitor já teria “precificado” o caso Dark Horse. Os votos não foram para outros.

Cury

No meio disso tudo, há, porém, o fenômeno Augusto Cury (Avante). Arilton Freres aponta que seu crescimento, passando para terceiro e ficando com mais de dois dígitos em três pesquisas nacionais, já vinha sendo observado pelo Indexa em pesquisas estaduais que o instituto está fazendo. A primeira constatação deu-se no Maranhão.

Maranhão

Trackings preliminares no Maranhão começaram a apontar Augusto Cury com 10% das intenções de voto no estado. Isso chamou a atenção dos pesquisadores, e se confirmou depois, com Cury alcançando 9% no estado. No Amapá, pesquisa o apontou com 8%. “É um crescimento que aconteceu em todos os estados”, diz Arilton.

Parou

Segundo Arilton, no entanto, Augusto Cury teria parado de subir. “É preciso ver agora se o eleitor irá mesmo em busca de alternativa”, observa. Ou ficará mesmo entre Lula e Flávio. Na última Indexa, ambos tinham a mesma rejeição de 49%. “Ou seja, é um número proibitivo para ambos. Nesse cenário, portanto, a rejeição é que vai decidir a eleição”.

PEDRO FRANÇA/CNJ



Para tentar estancar crise, Fachin esteve com Lula na sexta-feira

Fachin tenta conter crise no STF após o caso Master

Presidente da Corte sinaliza fim do inquérito das fake news

Por **Beatriz Matos**

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, passou a ocupar o centro da tentativa de conter a crise aberta na Corte pelas investigações sobre o Banco Master e pela troca de acusações entre os ministros Alexandre de Moraes e André Mendonça.

Depois de dias de tensão crescente, Fachin adotou um discurso mais duro, retirou do inquérito das fake news a acusação feita por Moraes contra Mendonça e estabeleceu um rito próprio para analisar os questionamentos envolvendo os dois ministros.

A mensagem pública também mudou de tom. Fachin afirmou que a gravidade dos fatos exige justamente mais respeito às regras processuais. “A gravidade dos fatos não autoriza atalhos. Ao contrário! Quanto maior o desafio, maior deve ser o compromisso com a legalidade, o devido processo e as garantias constitucionais”, declarou.

O presidente do Supremo afirmou ainda que a Corte não deverá agir nem com precipitação nem com omissão. “Faremos o que é certo, no tempo e pela forma que a ordem jurídica exige”, disse.

“As instituições da Repú-

blica precisam ser preservadas, sobretudo nos momentos de maior tensão. Nenhuma autoridade está acima da Constituição, nenhum poder está acima da lei e nenhum interesse circunstancial pode se sobrepor à integridade do Estado Democrático de Direito”, reiterou o ministro.

Fachin determinou que Mendonça, o procurador-geral da República, Paulo Gonet, Moraes e o diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues, se manifestem sobre as acusações apresentadas por Moraes. O prazo é de cinco dias úteis.

O movimento de Fachin ocorre depois de Moraes utilizar o inquérito das fake news para apontar “fortes indícios” de irregularidades na atuação de Mendonça durante as operações Sem Desconto, relacionada às fraudes no INSS, e Compliance Zero, que investiga o Banco Master.

Ao mesmo tempo em que administra a crise, Fachin passou a sinalizar com mais clareza a necessidade de encerrar o inquérito das fake News. Aberto em 2019, o procedimento foi criado para apurar ameaças, notícias fraudulentas e ataques dirigidos ao Supremo, seus ministros e familiares. Desde então, ampliou seu alcance.